

REVISTA ADVENTISTA

«O Conflito dos Séculos»
Uma mensagem do Irmão Beach
Recrutando...

«Deixo-vos a minha paz»

O Evangelho e a tradição

O Crente adventista e a caça

ANO XXV

N.º 209

«O Conflito dos Séculos»

A. CASACA

É o «Conflito dos Séculos» o estado de luta declarada, aberta, ininterrupta que Satanás desencadeou contra Deus.

Mas, «o grande conflito entre o bem e o mal aumentará de intensidade até mesmo ao final dos tempos.» (O Conflito dos Séculos, pág. 8).

Estamos divinamente instruídos que o inimigo não desarma, antes pelo contrário, está redobrando de esforços, cada vez mais violentos para levar a pobre humanidade à ruína.

É que ele sabe muito bem que «já tem pouco tempo». (Apoc. 12:12).

Toda esta luta foi e é a consequência lógica, inevitável do pecado.

Ora o pecado surgiu, precisamente, onde menos seria de esperar. Nas mansões celestiais havia um anjo, o mais sublime e mais formoso de toda a hoste angélica, que se rebelou contra Deus.

«Estavas no Eden, jardim de Deus; toda a pedra preciosa era a tua cobertura, a sardónia, o topázio... Tu eras querubim ungido para proteger, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio se encheu o teu interior de violência, e pecaste» (Ezequiel 28:13, 14).

Dotado de liberdade, Lúcifer — portador de luz — podia pecar. E pecou. Desgostoso por não ter entrado nos conselhos de Deus, o seu coração encheu-se de insofrida inveja contra o Unigénito Filho de Deus, que por direito divino, por identidade de natureza, é Deus, verdadeiro Deus.

E o pecado da soberba foi o ponto de partida no coração de Lúcifer para atrair para a perdição uma grande multidão de outros anjos.

Deus na Sua infinita misericórdia não castigou imediatamente estes rebeldes, que haviam sido criados sem nenhum merecimento da parte deles. Tudo quanto tinham, todos os seus excelsos predicados da natureza angélica lhes haviam sido comunicados graciosamente, por Deus.

Não foram destruídos imediatamente porque Lúcifer proclamara que Deus era injusto e que se comprazia na injustiça.

Esta tremenda calúnia não podia, de modo algum, passar em julgado, com o imediato castigo do transgressor.

Se Deus tivesse castigado imediatamente Lúcifer e os seus sequazes é provável que os anjos fiéis ficassem com a suspeita de que Deus havia procedido de maneira cruel.

Ora, tal suspeita poderia fazer com que os anjos bons passassem a temer a Deus, a receá-LO, como a um Senhor cruel e violento, em vez de amá-LO como a um Deus de bondade e só de amor. Por isso não foram logo castigados.

Era necessário que Deus fosse desafiado da calúnia satânica que Lúcifer lançara contra a bondade e amor de Deus.

E Satanás requintou nas suas acusações contra Deus, dizendo que a Lei de Deus era dura e impossível de cumprir.

Por isso se esforçou por levar os nossos primeiros pais a transgredirem o Mandato divino, para que pudesse afirmar que era verdade o que dissera acerca da crueldade de Deus.

Quando, porém, foi batido com a morte de Jesus, que assim demonstrou que a Lei de Deus é boa, santa justa e que, portanto, também Deus é santo e justo, então Satanás redobrou de violência contra a Igreja que Jesus fundara com o Seu sangue precioso e assentara sobre a Rocha

(Continua na pág. 8)

SUMÁRIO

«O conflito dos séculos».

Editorial.

Uma mensagem pessoal aos prégadores e aos membros da Divisão Sul-Europeia.

Recrutando...

«Deixo-vos a minha paz».

Hipnotismo.

Da Igreja de Laodiceia à luz do Espírito de Profecia.

O Evangelho e a Tradição.

A Página do Colportor.

O Crente Adventista e a Caça.

O Auxiliar da Escola Sabatina.

Ela não tinha desonrado o seu Salvador.

ANO XXV

N.º 209

FEVEREIRO 1964

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
F. MENDES, M. MIGUEL,
O. COSTA E P. RIBEIRO

PROPRIETÁRIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

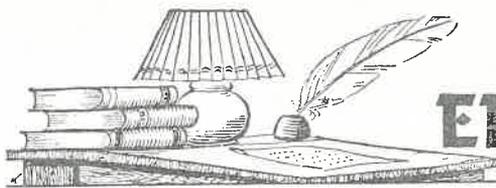
Composição e impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Página EDITORIAL

Prezados Irmãos:

Entrados já pelo ano adentro é necessário que não afrouxemos na prática dos bons propósitos que, decerto, fizemos, para este novo ano; que o Senhor nos concede.

Para isso, temos de recorrer continuamente, à oração — essa prática que nos põe em contacto com Deus e que é indispensável à nossa vida espiritual, da mesma maneira que o ar nos é indispensável para a nossa vida física.

Que Deus nos conceda, pois, a graça de podermos preservar nos bons propósitos que com a ajuda de Deus formulámos e ainda com a Sua ajuda poremos em prática.

Esforço de Evangelização

Pelas notícias que recebemos das nossas igrejas temos bastos motivos para agradecer a Deus estas belas semanas que ultimamente foram dedicadas ao denominado Esforço de Evangelização. Mais uma vez os nossos prezados Irmãos e Irmãs se reuniram em torno dos Obreiros das suas igrejas esforçando-se por garantir um bom êxito para tal Esforço.

Só na eternidade é que poderemos saber como muitas e muitas almas vieram ao conhecimento da verdade e da salvação.

E que seja bem depressa esse belo dia!

Semana de Oração dos MV

Mais uma SEMANA DE ORACÃO dos Missionários Voluntários.

É o momento, prezados Irmãos e Irmãs de nos reunirmos em torno dos nossos jovens para lhes declararmos que estamos cem por cento com eles, com os seus problemas, com as suas aspirações, com os seus anseios.

Nunca, como hoje, a juventude, a mocidade, a adolescência se en-

contra tão agitada, mesmo angustiada.

Por toda a parte domina a rebelião, a irreverência. Tanto a Escola como o Lar se ressentem de tal estado de coisas. Os professores têm medo dos alunos, os pai têm medo dos filhos. Os jovens é que não têm medo de nada.

Ora, prezados Irmãos e Irmãs, os nossos jovens não podem deixar de sentir o embate das vagas que agitam a vida juvenil. Temos, portanto, de ir ao seu encontro e estabelecer com eles o diálogo que eles não recusam, decerto, mas que talvez não procurem, espontaneamente.

Pois aproveitemos, desde já, a Semana de Oração, que, como se sabe, se efectua no próximo mês de Março de 21 a 28.

Temos absoluta necessidade de sair ao encontro dos nossos jovens para que sintam com o Salmista que «Vale mais um dia nos átrios da casa do Senhor do que em outra parte mil».

Façamos desta próxima SEMANA DA ORACÃO dos MV também a nossa mais ditosa e abençoada Semana de Oração.

Campanha das Missões

Quando sair o número de Abril da nossa REVISTA ADVENTISTA já a Igreja estará ao trabalho na grande obra da Campanha das Missões.

É uma das preciosas oportunidades que o Senhor nos concede para podermos trabalhar na Sua Obra. Durante todo o ano há sempre lugar e trabalho para todos nós. Mas a Campanha das Missões abre de maneira especial, a todos os nossos prezados Irmãos e Irmãs, as melhores e mais escolhidas oportunidades para todos podermos exercer a nossa actividade.

(Continua na pág. 12)

Uma mensagem pessoal aos prègadores e aos membros da Divisão Sul-Europeia

Prezados Irmãos e Irmãs:

É para mim um grande privilégio e um grande prazer o dirigir-me a vós, pessoalmente, nas colunas da REVISTA ADVENTISTA.

Acabamos de passar sete semanas na Divisão Sul-Europeia. Esta nova tomada de contacto, depois de quase nove anos de ausência, permitiu-me ver bastantes aspectos encorajadores da Obra de Deus. Tive a honra, de Atenas a Bruxelas e de Viena a Paris de voltar a encontrar muitos de entre vós, quer pessoalmente, quer nas assembleias. Alguns sofreram duras provas e tiveram de defrontar grandes dificuldades; outros, pelo contrário, foram favorecidos pelo sorte. Viveis e trabalhais em regiões, cujos caracteres linguísticos, raciais, políticos, económicos e religiosos são muito diferentes. Regozijo-me porque estais unidos não só pelos laços de uma organização humana, mas também pelos de uma fraternidade cristã e da verdade divina. Tal é o poder da Mensagem Adventista, desta Palavra viva de Deus para o nosso tempo.

No decorrer destas últimas semanas, pude ver e apreciar os êxitos da Obra de Deus. Fiquei impressionado com alguns factos essenciais que desejo resumir nesta mensagem.

A minha impressão foi, evidentemente, a de um êxito e a de um crescimento. Os efectivos da Divisão Sul-Europeia elevam-se agora a cento e dez mil membros, o que a torna uma das maiores do campo mundial. Desenvolve-se um excelente programa de construções. Cada vez mais, a representação geográfica da Obra Adventista se assinala com belas igrejas, instituições e centros de evangelização. Senti-me deveras encorajado quando vi o nosso novo centro de Tessalónica, na Grécia, as nossas igrejas de Innsbruck, na Áustria, de Gland, na Suíça, e a do nosso Seminário de França. Durante estes últimos anos, o esforço prin-

cipal de construções incidiu nos campos missionários, e o que ali se realizou é simplesmente miraculoso. Alegremo-nos ao ver as nossas igrejas metropolitanas manifestarem um interesse crescente pelo desenvolvimento da nossa obra nos países de missões. Compreendem que o trabalho não se acabará verdadeiramente em qualquer parte, se não estiver acabado por toda a parte.

Sinto-me feliz por ter podido verificar um desenvolvimento da piedade em muitas vidas e muitos lares. Verifiquei que muitos dos nossos irmãos e irmãs aspiram, ardentemente, a uma vida espiritual mais intensa. Creio que este desejo há-de provocar um despertamento e uma reforma, e produzirá frutos para o reino de Deus.

Fiquei impressionado ao ver como a fé dos nossos membros nas nossas doutrinas fundamentais e nas nossas interpretações proféticas tem aumentado. Os que manifestam disposições fantásticas e caprichosas, que se entretêm com manias e fantasias doutrinárias são raros. Creio que a Igreja na Divisão Sul-Europeia é movida pelo desejo de conhecer Deus e de crescer na sua justiça.

Durante estas últimas semanas, muitos daqueles que estavam fatigados pelo caminho, reencontraram o seu primeiro amor e vão avançar, agora, com a Igreja sob o eflúvio da chuva serôdia. Temos de fazer deste ponto um dos temas das nossas orações.

Também notei que a fidelidade à comunidade adventista — uma mensagem, uma igreja, uma organização mundial — é mais profunda e mais bela, que nunca. Não é simplesmente uma noção filosófica, um maravilhoso ideal, mas a única realidade que tem valor na vida de muitos. «Não é maravilhoso ser-se adventista do Sétimo-Dia?» dizia-nos, um dia um irmão sérvio a quem apertávamos a mão pela primeira vez, passados nove anos, e

acrescentou: «A mensagem adventista é a minha única razão de viver». Esta convicção há-de aumentar a força da nossa Igreja que é, neste mundo revoltado, a fortaleza inexpugnável de Deus. É por isso que nos devemos revestir da revelação divina e espalhar, por toda a parte, a atmosfera, não de qualquer cultura nacional, mas dos lugares celestes. O nosso objectivo não é o de convertermos quem quer que seja ao protestantismo ou a qualquer denominação cristã, mas sim anunciar a todos, homens e mulheres, o Evangelho Eterno de Deus. Deste modo, podemos ser recebidos, sem preconceito, como colaboradores conscienciosos, por todos os homens de boa vontade.

Senti, finalmente, na Divisão Sul-Europeia, um espírito de sacrifício e de zelo missionário. Só a paixão renovada sem cessar, para salvar os perdidos e levar a outros a preciosa luz da verdade, é que pode produzir tais disposições. Nunca devemos perder de vista a necessidade de evangelizar. O gume da espada da verdade não deve ser embotado. Cada obreiro, cada membro é chamado a evangelizar. O Presidente da Divisão Sul-Europeia deu a este respeito um bom exemplo que cada Presidente de União e de Federação deveria seguir, encarregando-se de um programa de evangelização.

No decorrer destas sete últimas semanas, voltámos a encontrar, no seio desta Divisão, os dirigentes de muitas das nossas igrejas. Estes contactos encorajaram-nos, porque estes dirigentes são homens de Deus. Não há dúvida de que a Obra de Deus está em boas mãos.

Unamo-nos numa fraternidade invencível. Proclamemos a nossa Mensagem ao Mundo, em termos ardentes. Tenhamos uma fé indefectível nas nossas doutrinas e alegremo-nos com a nossa salvação; vivamos uma vida vitoriosa e levementes a Palavra a toda a nação,

(Continua na pág. 5)

É um grande privilégio dispor dum órgão de comunicação como a Revista Adventista, que permite dirigir-nos não a um grupo ou categoria de pessoas, mas a um público lato e escolhido ao mesmo tempo, a esse precisamente que nós visamos: O PÚBLICO ADVENTISTA.

Embora pretenda escrever sobre a colportagem, não quero desta vez dirigir-me somente aos colportores, como habitualmente, mas para fazer um trabalho mais profundo e com bases mais sólidas, em relação ao futuro, é minha intenção interessar neste assunto, cada pastor, cada obreiro e cada membro de igreja. Devemos interessar-nos todos porque este trabalho merece toda a nossa atenção e carinho.

Sei que muitos vêem nesta minha última afirmação uma apologia normal e esperada dum chefe de colportores. Não é somente uma opinião pessoal, basta lembrar-nos da sua origem e do seu fim. Como sabemos a colportagem foi fundada e organizada pelo Espírito de Profecia. A sua única razão de existência é evangelizar; se falha neste domínio falhou em tudo. Não queremos que ela falhe, queremos, sim, que a colportagem em Portugal continue a ser uma bênção para a obra de evangelização; queremos que cada colporteur seja mais um elemento, ganhador de almas, para a igreja da região onde trabalha, de uma maneira cada vez mais directa, mais eficaz. Na busca deste ideal temos que lutar para diminuir, já que não é possível eliminar, todas as deficiências e explorar ao máximo o bom partido deste trabalho.

O principal problema que urge resolver é o número reduzido e instável dos nossos colportores evangelistas. Precisamos de dilatar este Departamento com homens consagrados, valorosos e desejosos de trabalhar na causa de Deus. Posso garantir, sem receio de errar, que a colportagem no nosso meio tem sido muitas vezes mal encarada, no passado. Têm vindo para este trabalho homens e mulheres que não conseguem fazer mais nada na vida. Escusado será dizer que essas pessoas têm falhado e falharão sempre, além de acarretarem com problemas para as igrejas que

Recrutando...

Joaquim Dias

frequentam. Estas derrotas, que queremos evitar, são compreensíveis: se uma pessoa fracassa sucessivamente em trabalhos seculares, fracassará impreterivelmente na colportagem, porque não é um trabalho mais fácil, pelo contrário é mais difícil. Temos, é certo, a ajuda de Deus e a companhia dos seus anjos, o que explica o milagre da nossa sobrevivência, mas só poderemos contar com ela quando a nossa parte for feita, quando não falharmos naquilo que Deus espera de nós.

Se por um lado, pois, devemos ter prudência, se devemos mesmo opor-nos à entrada desses elementos, que começando por ser duvidosos terminam em catástrofes, não deve no entanto, existir qualquer relutância, nenhum receio em encorajar, propor e recomendar para este trabalho todos os nossos irmãos e irmãs, membros fiéis da nossa igreja, que manifestem o desejo de trabalhar na evangelização. Para esses há muitos lugares, e nestas condições a colportagem não afecece menos garantias mesmo financeiras, que qualquer outro trabalho.

Aproveito esta oportunidade para tornar público os nossos planos e para lançar um apelo a todos que já um dia pensaram no trabalho da colportagem, ou que venham a pensar. Precisamos de dobrar o número dos nossos colportores. Faz parte dos nossos planos, ainda neste trimestre, visitar algumas das nossas igrejas, quando da estadia, em Portugal, o irmão Naenny, secretário do Departamento das Publicações da Divisão Sul-Europeia, a fim de encorajar muitos dos nossos jovens e irmãos de ambos

os sexos, a responderem ao apelo de recrutamento, para engrossar as fileiras da colportagem em Portugal. Teremos também este ano o privilégio de organizar e assistir a mais um curso de colportagem com a presença do irmão E. Naenny e do irmão Higgin, enviado especial da Conferência Geral. Estes dois irmãos são dois veteranos e grandes especialistas na obra das Publicações e na técnica de vendas. Muito temos a aprender e muito beneficiaremos da experiência destes nossos visitantes.

Além dos colportores regulares, que consagram todo o seu tempo a este trabalho, há os colportores ocasionais, que são alguns membros de igreja, assim como alguns jovens estudantes, que querem trabalhar na colportagem, mas devido às suas ocupações só podem dar uma parte reduzida do seu tempo. Um bom trabalho tem sido feito por estes colportores nas suas horas vagas e aos domingos, na colocação dos nossos livros, pequenos e grandes, na venda avulso da revista «Saúde e Lar», assim como na aquisição de assinaturas. Belas ocasiões surgem também para cada um testemunhar da sua fé e da razão da sua esperança.

Prezados leitores da Revista Adventista, que a experiência dos nossos valorosos colportores do passado, as visitas dos nossos irmãos estrangeiros, que se consagram ao avanço desta Obra e estas curtas linhas, possam servir de encorajamento a todos os colportores e ajude muitos outros a decidirem-se por este trabalho, que só conheceremos o seu verdadeiro valor um dia quando já não existir, na eternidade.

«Deixo-vos a minha paz...»

A. CASACA

JÁ houve quem classificasse este novo ano de 1964 como ANO DA PAZ! Também já se disse que é o da Ofensiva da Paz!...

É certo que a humanidade, esta pobre humanidade tão dementada e tão tresloucada, procura ansiosamente a paz. Não é de agora esta busca, este desejo, este anseio. Desde os alvares dos tempos que o homem, o homem sensato, deseja e quer a paz. Até mesmo no fragor das batalhas, por entre o estrépito das armas, até mesmo aí o seu coração deseja a paz; luta, precisamente, para no fim do prélio poder alcançar a paz.

Mas que paz!... Uma paz bastante precária, uma paz, cujo tratado foi escrito com a ponta das baionetas e cuja tinta foi o sangue que correu nos campos de batalha.

Será esta, realmente, a paz?...

Temos assistido, nestes últimos dias, nesta últimas semanas a espectaculares movimentos de notáveis personalidades públicas em prol da paz. Tanta fadiga... tantas conseiras... tantas ilusões, precedidas e seguidas de tantas desilusões!...

«No seu discurso aos discípulos, na noite da Ceia, Jesus não fez nenhuma triste alusão aos Seus sofrimentos nem à Sua morte. Foi de paz o Seu último legado. Disse: «Deixo-vos a paz, a minha paz voz dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração nem se atemorize». — (O Desejado de Todas as Nações, pág. 502).

A História diz-nos que no decorrer dos séculos os homens têm sempre procurado estabelecer a paz entre si e que nunca o conseguirão; nem o conseguirão.

Tal como já dizia o profeta: «E curam a ferida da filha do meu povo, levemente, dizendo: Paz, paz; quando não há paz.» (Jer. 6:14) Assim também se clama hoje pela paz, quando não há paz!

Em todos os tempos sempre o homem procurou a paz. Mas hoje esta busca desesperada é, como sabemos, um dos sinais da próxima Vinda do Salvador.

«Pois quando disserem: Há paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição... e de modo nenhum escaparão.» (I Tes. 5:3).

Afadigam-se os homens de Estado, os diplomatas, os políticos, os chefes religiosos em procurar estabelecer a paz neste pobre mundo. «Paz aos homens de boa vontade» ouve-se como estribilho que soa bem e que bem se acarinha.

Mas todos estes esforços representam a negação das declarações do Salvador. É que «a paz de Deus excede todo o entendimento» (Filip. 4:7) não pode, nem sequer ser compreendida pelos homens, quanto mais alcançada pelos seus vãos e humanos esforços?!

A paz, a verdadeira paz, que é «a paz que o mundo não dá», só nos pode ser dada pelo Senhor Jesus.

A lição do passado é a mais sólida garantia do futuro: todos os esforços feitos pelos homens através dos tempos, para alcançarem a paz, se têm malogrado ruidosamente.

A grande e definitiva experiência encontra-se na Idade Média quando a Igreja pretendeu implantar a Teocracia Papal. As intenções eram boas, mas alheias aos propósitos e à vontade do Salvador. De acordo com a doutrina agostiniana da Cidade de Deus, Gregório VII e Inocência III pretenderam estabelecer a Monarquia Universal Cristã, supondo que era o Reino de Deus. Foi, precisamente, no meio de todas as grandes demonstrações do poder papal que se desencadearam as tremendas lutas, que constituem o capítulo das «Lutas entre o poder temporal e o espiritual».

De tais lutas lá irá sair, passados anos, o Cisma do Ocidente, em que a Cristandade conheceu dois Papas simultâneos, e, em dado momento, três!

Relacionado com este movimento, digamos ecuménico, a favor da paz, temos, igualmente, o desejo de solucionar os problemas que atormentam a humanidade, mediante meios meramente humanos.

Triste condição a da nossa pobre

humanidade! Querer solucionar de uma maneira simples e meramente humana, aquilo que só admite e tem uma única solução: a intervenção divina!...

«O regresso de Jesus em glória... é a conclusão necessária e lógica dos destinos humanos...»

Uma aurora, depois da noite, tal será o regresso visível do Salvador...

É necessário que Jesus volte; é necessário que venha para dar à História uma conclusão racional; ao drama humano um sentido, um verdadeiro desenlace...

A Volta de Jesus é o drama humano por excelência, o centro da história humana...» (P. Valloton)

É por isso que firmes nas promessas do Salvador; firmes na palavra de Deus; firmes nas profecias, olhamos para as diligências humanas que têm de se efectuar para cumprir as Escrituras, e mais nos radicamos na fé da Vinda iminente do Salvador, desejando, ardentemente a Sua Volta. E é assim que nos sentimos sempre mais encorajados para trabalhar com todo o entusiasmo, na medida das nossas pobres capacidades para apressar a Vinda Gloriosa do Senhor Jesus.

Uma mensagem pessoal

(Continuação da pág. 3)

tribo, língua e povo. Bem depressa, lançaremos as nossas coroas aos pés de Jesus e nos alegraremos com uma alegria inefável na glória triunfal da Vinda do Senhor.

Vosso muito dedicado

W. R. BEACH

Nota da Redacção: REVISTA AVENTISTA sente-se sobremaneira honrada com a mensagem que o Pastor Beach, antigo Presidente da Divisão Sul-Europeia e actual Secretário da Conferência Geral se dignou dirigir à nossa Divisão. Que Deus abençoe grandemente o trabalho do nosso prezado Irmão Beach são os nossos veementes desejos.

HIPNOTISMO:

Ciência ou influência magnética maligna?

HIPNOTIZAR é fazer cair o paciente em hipnose, isto é, em sono profundo, durante o qual fica sujeito a sugestões externas ordenadas pelo hipnotizador.

O hipnotismo tem sido explorado como meio de vida, em espectáculos, por pessoas que se dedicaram a tal prática. Ultimamente, no entanto, vem sendo aplicado também com outras finalidades, e até em demonstrações públicas, inclusive por padres católicos. Estas exhibições tiveram por finalidade — segundo informaram os seus executores — esclarecer que «o hipnotismo não é um bicho-de-sete-cabeças».

A ideia é popularizar o hipnotismo, dar-lhe um rótulo científico, em vez de filosófico ou artístico, e arrolá-lo na lista das coisas comuns da vida, nada tendo que ver (segundo a expressão de um sacerdote) «com Deus ou com o Diabo».

Afirmam os que se dedicam ao hipnotismo que «praticamente 90% dos indivíduos são hipnotizáveis». É curioso salientar, desde já, que os débeis mentais e os ébrios não são susceptíveis de serem hipnotizados, o que parece provar que o hipnotizado não deve estar alheio ao que se pretende fazer com ele, deixando de ser um cliente passivo e inocente, incapaz de resistir à hipnose. Pelo contrário, é um voluntário consciente, embora, depois de hipnotizado transfira, inconscientemente, para o hipnotizador os seus próprios desejos, executando dócilmente o que se lhe ordena. Em espectáculos ou exhibições públicas tais cenas provocam admiração e explosões de riso entre os assistentes, perante as palhaçadas e o ridículo que deu uma imaginária valsa vienense; outras, é um jovem que se arvora em maestro e começa a reger. Li acerca de um jovem que lhe fizeram pensar que estava sendo atacado por uma quantidade enorme de pulgas, começando, imediatamente a coçar-se desesperadamente, provocando es-

trondosas gargalhadas na assistência.

Pretende-se que o hipnotismo seja uma ciência. Mas também o espiritismo diz que o é. E que vantagem ou virtude haverá nisso, se até no cozinhar há ciência?! O rótulo, portanto, não serve de credencial e não elimina a origem ou procedência do conteúdo, nem lhe altera a natureza.

A mente humana é uma espécie de caixa de mil-e-um segredos. Quando não é parte integrante do ser convertido pelo poder de Deus, e as suas funções não obedecem à influência santificadora do Espírito Santo, torna-se uma presa fácil nos meandros das subtilezas do mal. O poder do mal manifesta-se sob os mais variados e diferentes aspectos, dependendo da época e das circunstâncias que mais lhe interessam. Satanás agiu sempre na base dos fenómenos, e isto desde o Eden, no caso da serpente a falar. E a hipnose provocada é um deles. Os seus agentes (quer sejam hipnotizadores, curandeiros, videntes, necromantes, etc.) nada mais são do que «veículos das correntes eléctricas de Satanás», por cujo meio, ele lança «o seu encantamento sobre o corpo e a alma dos homens».

Ainda não se conhece até aonde vai a influência da electricidade na vida; sabe-se, porém, o suficiente para concluirmos do seu valor e profundidade. Por isso é interessante atentarmos, a título de illustração para um ímã. Tem o ímã poder magnético que lhe foi conferido pela imantação, pelo que é capaz de atrair para si tudo aquilo que chegar à sua área de influência e for constituído por material susceptível de atracção. Duas coisas, portanto, são necessárias para que se processe a acção magnética: estar na área do magnetismo e ter os elementos que o promovem. Na epístola de S. Tiago capítulo I, verso 14 lemos que «cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz».

Não há em nós, nenhum poder para resistir ao mal; mas se a nossa mente estiver de harmonia com Deus, livre de pecados, e santificada pela contínua comunhão com Ele, não haverá nenhum poder de encantamento que nos atraia,

ORLANDO G. DE PINHO

desde que nos conservemos, é certo, dentro dos limites que Deus nos determina e não nos aventuremos a espiar os arraiais do inimigo, onde o perigo é sempre permanente.

O hipnotizado obedece inconscientemente; mas também o hipnotizador está sob a acção de forças que desconhece. Ninguém é hipnotizado, sem que o queira, sem a tal se submeter voluntariamente. Da mesma forma, ninguém peca contra a vontade. Em ambos os casos deve haver aquiescência, consentimento, passividade, que se submete a uma força impulsiva que não está ao serviço de Deus.

O povo de Israel viveu sempre rodeado de nações e de povos pagãos, que cultivavam toda a espécie de impiedades. Por isso, foi esta a ordem que Deus deu ao seu povo: «Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor; e por estas abominações o Senhor teu Deus os lança de diante de ti. Perfeito serás para com o Senhor teu Deus. Porque estas nações que hás-de possuir, ouvem os prognosticadores e os adivinhadores; porém, a ti o Senhor teu Deus não permitiu tal coisa». Deut. 18:9-14.

(Continua na pág. 24)

Da Igreja de Laodiceia

à luz do Espírito de Profecia

1. Que é a Igreja de Laodiceia?

A Igreja de Laodiceia é a última das sete igrejas de Cristo através da dispensação cristã, cuja estrela ou ministério está também na Sua dextra (Apoc. 1:20). *Laodiceia*, que quer dizer «Juízo do Povo», é a última igreja organizada mundialmente a fim de proclamar a derradeira mensagem de advertência, o Evangelho eterno, a toda a nação, tribo, língua e povo, antes do fim, enquanto no Céu se procede ao juízo pela Casa de Deus, ou seja o juízo de investigação, no santuário celeste, desde 1844 até ao fim do tempo da graça. Esta é a Igreja Adventista do Sétimo Dia já estabelecida em toda a Terra.

2. Quem faz parte da Igreja de Laodiceia?

Sendo a Igreja Adventista a de Laodiceia, pertencem a esta última igreja os pioneiros da mensagem adventista e todos os que a aceitarem, a Conferência Geral, Ellen White e o Conselho por ela constituído depositário e guarda dos seus escritos, sendo, por sinal, um dos seus membros o seu próprio neto Eduardo White. Pertencerão igualmente a ela «a grande massa dos verdadeiros seguidores de Cristo» que ainda se encontram dispersos pelas igrejas apóstatas que constituem a Grande Babilónia, donde serão chamados a sair no seu devido tempo. (Apoc. 18:4).

3. É a Igreja de Laodiceia perfeita?

«A igreja de Cristo na Terra será imperfeita, mas Deus não destrói a Sua igreja por causa da sua imperfeição.» «Embora existam males na igreja, e tenham de existir até ao fim do mundo, a igreja destes dias há-de ser a luz do mundo poluído e desmoralizado pelo pe-

cado. A igreja, débil e defeituosa, precisando de ser repreendida, advertida e aconselhada, é o único objecto na Terra ao qual Cristo confere a Sua suprema consideração.» — *Test. to Ministers and Workers*, p. 46; *Test. Selectos*, v. 2, p. 335.

4. Sanciona Deus divisões ou a saída de Laodiceia?

«Quando se levante alguém, de nosso meio ou fora de nós, tendo a preocupação de proclamar uma mensagem que declare que o povo de Deus pertence ao número dos de Babilónia, e que pretenda que o alto clamor é um chamado para sair dela, podereis saber que esse tal não é portador da mensagem da verdade. Não o recebeis, nem lhe desejeis bom êxito; pois Deus não falou por ele.» — *Test. Selectos*, v. 2, p. 363.

Deus tem na Terra uma igreja que é o Seu povo escolhido... Ele está guiando, não *ramificações transviadas*, não um aqui e outro ali, mas um povo. A verdade é um poder santificador; mas a igreja militante não é a igreja triunfante. Há joio entre o trigo.» — *Idem*, p. 362.

«Não podemos agora entrar para qualquer *organização nova*; pois isto significaria apostatar da verdade.» — *Idem*, p. 363.

«Deus está à frente da obra, e *Ele porá tudo em ordem*... Tenham fé em que Deus há de pilotar seguramente ao porto a nobre nau que conduz o povo de Deus.» — *Idem*, p. 363.

5. Quem separará o joio da igreja de Laodiceia?

«Eu vi que o testemunho aos laodicenses aplica-se ao povo de Deus dos nossos dias... Esta terrível mensagem fará a sua obra... Está destinada a levantar o povo de Deus, a descobrir-lhe os seus des-

lizes e a conduzi-lo ao arrependimento zeloso, para que possa ser favorecido para o alto clamor do terceiro anjo... Deus provará o Seu povo. Jesus trata os crentes pacientemente e não os vomita da Sua boca num momento... Aqueles que tiverem sido provados em todos os pontos, tenham resistido a toda a prova, e vencido por todo o preço, terão ouvido o conselho da Testemunha Verdadeira e receberão a chuva serôdia, e assim serão preparados para a transladação... Oh! que todos os progressos *mornos* pudessem compreender a obra de *limpeza* que Deus está para operar entre o Seu povo professo... Só uma fé viva poderá salvar-vos nas terríveis cenas que estão diante de vós.» — *Test.* v. 1, p. 186, 187.

6. Como se realizará a reforma dentro da igreja de Laodiceia?

Os que permanecerem fiéis depois da *sacudidura* que há-de vir, formarão o remanescente convertido pelo qual o Espírito Santo: poderá operar poderosamente para a rápida terminação da obra de Deus em todo o mundo.

«Em visões da Noite, cenas passaram diante de mim dum *grande movimento de reforma* no meio do povo de Deus. Doentes eram curados, outros milagres eram operados. Um espírito de intercessão era visto, mesmo como o que se manifestou antes, no dia de Pentecostes. Viam-se centenas e milhares de pessoas visitando famílias e abrindo diante delas a Palavra de Deus. Corações eram convencidos pelo poder do Espírito Santo e um espírito de genuína conversão se manifestava. Por todos os lados as portas se abriam, de par em par, à proclamação da verdade. O Mundo parecia iluminado por uma influência celeste.» — *Test.* v. 9, p. 126.

O Evangelho e a Tradição

— Charles Winandy —

«Então chegaram ao pé de Jesus uns escribas e fariseus de Jerusalém dizendo: Porque transgredem os teus discípulos a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos quando comem pão. Ele porém respondendo disse-lhes: Porque transgredis vós também o mandamento de Deus pela vossa tradição?» (S. Mateus 15:1-3)

QUE é uma tradição? Segundo o gramático Littré, a tradição é uma «transmissão de factos históricos, de doutrinas religiosas, de lendas, de idade em idade, por via oral e sem prova autêntica escrita». A palavra vem do verbo latino «*tradere*» que significa: transmitir, entregar; «*traditio*»: acção de transmitir; e finalmente «*traditor*»: traidor:

Os evangelistas apresentam-nos muitos episódios nos quais rebentou o conflito entre os escribas e os fariseus, defensores da tradição, e Jesus, defensor da Escritura.

Esta, com efeito, é a base da religião de Israel: compreende a Thorah — lei de Moisés — e os escritos dos profetas, cujos autores eram considerados inspirados por Deus.

Os chefes religiosos protegiam-na, explicavam-na ao povo, mas bem depressa a deformaram. As ordens de Deus acrescentaram as deles. Por isso, esta tradição humana relegou o ensino divino para um segundo plano, substituiu-o, contradisse-o. Não teve o sopro do Espírito. Agarrou-se à letra, ao cumprimento visível do mandamento de Deus, mas esqueceu o espiritual (1).

No época de Jesus, a situação tinha-se agravado a tal ponto entre os Judeus religiosos que a tradição tinha suplantado a revelação de Deus. O conflito entre os escribas e fariseus tradicionalistas de um lado, e Jesus, fiel observador dos mandamentos de Deus, era inevitável. Não só Jesus se recusou a ceder aos costumes religiosos do seu tempo, como também os combateu (2).

Imbuído destes erros, Saulo de Tarso, antes de se tornar apóstolo, o apóstolo Paulo, perseguiu a Igreja: «E na minha nação eu excedia em judaísmo a muitos na minha idade, sendo extremamente

zeloso das tradições de meus pais» (Gálatas 1:14).

A parte da verdade contida na tradição dá-lhe vitalidade: Jesus desembaraçou a Sagrada Escritura dos parasitas que a asfixiavam. Por exemplo, ao simples respeito do dia de repouso, o Sábado, instituído por Deus desde a criação do mundo (4), os fariseus tinham acrescentado todos os seus preceitos ridículos. Jesus não aboliu o Sábado, mas mostrou a sua verdadeira observância. Perante todas as ordenanças rabínicas, Jesus recordou a Lei de Deus em toda a sua beleza (5). Elevou-se contra a hipocrisia farisaica que queria fazer observar estes ensinamentos supérfluos, até à custa do abandono dos de Deus! (6) Guiados pelas suas tradições humanas, antes do que pela revelação inspirada de Deus, aqueles infelizes exigiram finalmente a morte de Jesus e perseguiram com o seu ódio os seus seguidores. Jesus nunca se submeteu à tradição dos rabinos, mas só à Sagrada Escritura. Declarou um dia: «A minha doutrina não é minha, mas d'Aquelle que me enviou» (7).

(Continua)

«O Conflito dos Séculos»

(Continuação da pág. 1)

Eterna — a Pedra de Esquina — que é Ele mesmo.

É por isso que «em todas as épocas a ira de Satanás se tem manifestado contra a igreja de Cristo; Deus, porém, tem concedido a Sua graça e o Espírito ao Seu povo para o fortalecer na resistência ao poder do maligno.» (Conflito dos Séculos, pág. 8).

Aproxima-se, cada vez mais, o tempo da luta e da prova final. Satanás sabendo que já tem pouco tempo vai arregimentar todas as suas hostes — as forças do mal — para atacar impiedosamente os filhos de Deus.

E temos de estar continuamente prevenidos contra as ciladas do inimigo, porque «os enganos de Satanás serão mais subtis, os seus assaltos mais decididos» à medida que o fim se aproxima.

A nossa esperança é inabalável, porque a nossa fé — sempre a mesma fé que uma vez foi dada aos santos — assenta na Rocha dos Séculos.

Possamos nós permanecer firmes no meio da tempestade que Satanás procura desencadear contra a Igreja de Deus, contra «os que guardam os Mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus».

A PÁGINA DO COLPORTOR

A PROUVE a) Senhor designar-nos para outro campo de actividade, na sua santa Obra.

Pronta e entusiasticamente respondemos ao apelo, trocando os labores da difusão da Página Impressa pelos cuidados directos da evangelização.

Aproveito esta oportunidade que me concede a nossa REVISTA ADVENTISTA para me despedir, em primeiro lugar, dos nossos diligentes Colportores, essa falange discreta e silenciosa que por montes e vales, desertos e povoados, sob o ardor do Estio e as neves do Inverno, vão sempre disseminando a boa nova através da Página Impressa.

Para eles, como é de dever, as minhas calorosas despedidas, com os votos muito sinceros de que prossigam sem desfalecimentos na rica e abençoada obra da Colportagem. Em segundo lugar vão tam-

bém as minhas saudações para os nossos prezados Irmãos e Irmãs que têm acarinhado o trabalho da Colportagem com as suas orações e com as suas boas palavras de ânimo e de conforto.

Que o Senhor nos conforte a todos, dilectos Irmãos e Irmãs.

Orai por nós, neste nosso novo trabalho da evangelização dos Açores.

Lembraí-vos de que temos de abreviar a Obra, porque já pouco falta para a conclusão da história deste pobre mundo.

E com a apresentação de um novo testemunho de um dos nossos Colportores, mais uma vez me despeço de todos vós, para todos desejando as melhores e mais escolhidas bênçãos de Deus.

Orlando Costa

«DEUS NÃO DEIXA PERDER A SEMENTE»

«E disse-lhes: Ide por todo o mundo, e pregai o Evangelho a toda a criatura».

Sim prezados irmãos colportores, somos discípulos de nosso Senhor Jesus Cristo, e Ele nos deixou dito, «ide e pregai o Evangelho a toda a criatura».

Que nós possamos sempre animosos com o Espírito do Senhor, falar bem alto às almas que anseiam pelo conhecimento da verdade, quer pelas nossas próprias palavras, quer pela página impressa.

Dizendo: Temos um Salvador: «Nosso Senhor Jesus Cristo»

É algo de importante levar às almas que vivem desgostosas e nas trevas, uma mensagem que vá ajudá-las nos momentos mais angustiosos, e nestes tempos tão calamitosos.

«Livros tirados da Estante»

É verdade que alguns que compram os nossos livros hão-de pô-los na estante ou na mesa da sala de

visitas e raras vezes lançar-lhes um olhar. Contudo, Deus tem cuidado de Sua verdade, e virá o tempo em que estes livros serão procurados e lidos. A doença ou o infortúnio podem entrar no lar, e por meio da verdade contida nos livros, Deus envia aos corações turbados paz, esperança e descanso. O Seu amor lhes é revelado, e eles compreendem a preciosidade do perdão de seus pecados.

Assim o Senhor coopera com seus abnegados obreiros.

Sim: quanto aos livros tirados da estante, já por vezes amarelados e carregados de pó quase desprezados, estes têm um dia determinado pelo Senhor, que vão confortar as almas que vivem quase sem esperança.

Vou contar-vos algo acerca de uma Bíblia comprada a um colportor, já havia 20 anos, e que foi arrumada numa estante, e que a pessoa que a comprou considerava aquele livro como um livro sem valor para si. Esta pessoa era pessoa de bastantes haveres, que materialmente nada lhe faltava; sentia, porém, falta de qualquer coisa.

Um dia chegou ao seu escritório muito triste porque as coisas não iam bem; os negócios corriam mal. Ficou pensativo sem saber o que fazer.

Disse-me esta pessoa que nesse dia sentiu alguma coisa em si fora do normal, e imediatamente foi levado a procurar na estante dos seus livros, um para ler para se distrair um pouco; o primeiro que lhe veio à mão foi a Bíblia, que ele tinha comprado havia 20 anos atrás, e que ele tinha como um livro de pouca importância; tinha-a comprado mais para ajudar a pessoa que lha vendeu.

«Pareceu-me — começou a narrar — que recebi uma ordem: lê este livro.

Comecei então a ler e quanto mais lia mais interesse tinha para ler; levei cerca de um mês para a ler toda, anotei muitas das passagens que mais me prendiam a atenção, em especial a do 4.º mandamento; li várias vezes muitas das passagens anotadas e meditava bem nelas, e hoje pela graça de Deus eu sei que é no Sábado do Senhor que se deve descansar, e não no 1.º dia da semana «domingo» como dizem os homens, assim como muitas coisas que eu desconhecia.

Desde então comecei a guardar o Sábado e o Senhor me tem abençoado».

A esta pessoa vendi quase todos os nossos livros do Espírito de Profecia. Que Deus continue a abençoar esta alma na leitura destes livros.

Por isso queridos irmãos colportores que Deus nos ajude a ser sempre animosos neste nobre trabalho para que nos escolheu, saibamos que «Satanás» nos está sempre espreitando para nos desanimar, mas busquemos forças no Senhor e assim venceremos, e que possamos sempre dizer: «Senhor, eis aqui o teu servo, envia-me a mim».

Não importa que os livros que vendemos sejam arrumados nas estantes ou nas gavetas; Deus tem cuidado da sua verdade, e virá o tempo em que estes livros serão procurados e lidos.

Tenho encontrado pessoas que têm comprado os nossos livros, dizendo-me que quando os com-

O Crente Adventista e a Caça

ALGUMAS vezes o crente adventista terá naturalmente perguntado para si próprio ou terá levado a fazê-lo por imposição de alguém:

Poderei eu, como crente, vir à caça? Poderei participar numa caçada? Poderei servir-me da caça como alimento? — Que diz a Sagrada Escritura? Quais os ensinamentos que devemos considerar diante deste assunto?

I) O 1.º texto bíblico que fala do problema em causa.

«E Cush gerou a Nimrod: este começou a ser poderoso na terra. E este foi poderoso caçador diante da face do Senhor, pelo que se diz: Como Nimrod, poderoso caçador diante do Senhor».

Nimrod significa «ele rebelar-se-á» o que indica que a sua existência como «poderoso caçador diante do Senhor» não estava num sentido de acção favorável e em harmonia com a vontade de Deus. Não podemos esquecer que a língua hebraica é uma língua antiga, língua semítica, que por vezes apresenta certas expressões difíceis de traduzir com perfeita correcção, e completamente de acordo com o texto original. Uma das mais importantes traduções do Velho Testamento, conhecida pelo nome de Tradução dos LXX, traduz assim a expressão «diante do Senhor»: — «contra o Senhor».

Mesmo que admitíssemos a hipótese que a correctíssima expressão era «diante do Senhor», isso não implica necessariamente que o Senhor apoiasse a sua vida, pois como diz a Escritura, todos os homens estão diante dos olhos do Senhor. (Jer. 32:19; Job. 34:21; Salmos 32:13, 14).

Portanto, este primeiro texto falando acerca dum caçador, não abona em seu favor, muito ao contrário, bem meditado, ele mostra a verdadeira posição do carácter de Nimrod perante os princípios de Deus, como um homem rebelde, dado a poderosas matanças e contra o Senhor.

II) A Caça na família de Isaac.

Com 60 anos de idade Isaac gerou a seus filhos Esaú e Jacob. (Gén. 25:25). Até a esta data si-

POR

JOSÉ M. DE MATOS

lêncio absoluto no livro de Génesis sobre o exercício da caça por parte de Isaac quer seja na sua infância, adolescência ou idade adulta após o casamento com Rebecca.

1) O contraste entre Esaú e Jacob.

Com o nascimento dos filhos de Isaac lemos:

«E cresceram os meninos, e Esaú foi varão perito na caça, varão do campo, mas Jacob era varão simples habitando em tendas. (Gén. 25:27).

Eis aqui apresentada a diferença de carácter entre os dois jovens. Esaú entre os seus traços peculiares possuía o de ser dado à prática da caça. Jacob por seu turno era o oposto do irmão. Varão simples, temperamento contemplativo, espiritual. Sabemos que Deus tinha dito que o maior (Esaú), serviria o menor (Jacob); e os descendentes do menor seriam mais fortes que os do maior. (Gén. 25:23). Seria Jacob e não Esaú que receberia o direito de primogenitura, a bênção, e a ascendência do Messias: — o Senhor Jesus Cristo. (Lucas 3:34).

Ora, quem deve constituir para nós o exemplo: Esaú ou Jacob? Aquele que deu sequência à dinastia messiânica ou o outro que disso não foi digno? — A vida simples de Jacob ou a vida e os prazeres da caça de Esaú? — Uma só resposta é possível. O exemplo de Esaú como caçador não deve portanto representar para nós um princípio a seguir, antes pelo contrário, devemos rejeitá-lo.

2) A manifestação do gosto pela caça da parte de Isaac.

«E amava Isaac a Esaú porque a caça era do seu gosto...» (G. 25:28).

A cegueira de Isaac pelo seu primeiro filho apesar do carácter de Esaú e da ausência de qualidades para chefe e continuador da família, trouxe divisão no seu lar. Como resultado a maldade, miséria e injustiça marcaram as relações entre os dois Irmãos e as suas posteridades através dos séculos. A preferência de Isaac por Esaú parece ter sido baseada, pelo menos em parte, pelo seu gosto do alimento da caça. Seremos obrigados a constatar que o patriarca deixou o seu senso de amor, justiça e piedade ser controlado pelo apetite é surpreendente e desolador. Esta é uma experiência do que nos podemos servir para dar muita atenção ao controle dos nossos apetites.

Ao tentar aproximar-se os seus dias finais Isaac continuou a não olhar as instruções de Deus em referência aos seus dois filhos que o Senhor lhe tinha dado estando eles ainda no seio de sua mãe. E, desconhecendo que Esaú tinha trocado o seu direito de primogenitura aliado ao facto de estar afectado pela enfermidade e pela velhice, Isaac continuou a persistir na sua preferência por Esaú. Não constitui admiração vê-lo agora procurando selar essa amizade com a atribuição a Esaú da bênção mandando preparar para a ocasião uma refeição de caça. (Gén. 27:1-4).

III) O Caça entre o povo de Israel na sua generalidade.

O tipo ideal do Israelita é Jacob, o homem tranquilo que vivia em tendas, cuidando dos animais, em oposição a Esaú o caçador, o homem de matança.

De nenhum patriarca, excepção feita como vimos a Isaac, é dito que foi à caça, que conquistou feros de grande valente caçador. De nenhum rei de Israel ou Judá temos que ele tenha ido à caça, costume que era muito frequente nos outros reinos cujos monarcas e respectivas cortes partiam para grandes caçadas em carro ou a cavalo como o provam certas esculturas e baixos relevos do Egipto, Assíria e Pérsia.

No entanto nós constatamos que os caçadores existiam em Israel e que nem todos os Israelitas desdenhavam deste exercício. A caça era até mesmo uma necessidade porque era indispensável desembaraçar-se dos animais carniceiros que ameaçavam e atacavam os rebanhos.

Lemos porém que um princípio do mais alto significado, da maior importância, previamente estabelecido pelo Senhor, devia ser cuidadosamente observado pelos israelitas, e pelos estrangeiros que se dedicassem à caça por terras de circunscrição do povo de Israel.

«Também qualquer homem dos filhos de Israel ou dos estrangeiros que peregrinam entre eles, que caçar caça de animal ou ave que se come, derramará o seu sangue e o cobrirá com o pó». (Lev. 17:13).

Aqui encontramos notificado que somente era permitido a caça de «animais ou aves que se comem» isto é, «animais ou aves limpas» e que o sangue destes deveria ser derramado por terra e coberto com o pó.

Trata-se dum princípio de aplicação universal, posto que, séculos antes nos tempos de Noé, em que não tinha ainda surgido o povo de Israel, Deus fez menção deste mesmo preceito. (Gén. 9:4). Mais tarde, na Assembleia cristã do Concílio de Jerusalém o mesmo ponto continua a ser observado pelos cristãos. (Act. 15:28,29).

Razões de ordem moral, espiritual e profilática impuseram este preceito:

1) Razões de ordem moral

O sangue representa a vida, de facto, o sangue é a vida. Isto é

uma verdade literal. O sangue é o meio indispensável ao transporte da força e do vigor a todas as partes do corpo. Sendo o veículo da vida, um tão honroso elemento, não é permitido ao homem rebaixá-lo à situação dum simples comestível.

2) Razões de ordem espiritual

O sangue tem o mais elevado lugar no plano da salvação. Durante muitos séculos o sangue de Cristo foi prefigurado pelo sangue dos animais nos holocaustos. O sangue de Cristo é repetidas vezes descrito como um elemento vital na Redenção. Estas expressões entre tantas outras são bem elucidativas:

- «o rebanho que Ele resgatou com o seu sangue» (Act. 20:27).
- «a redenção pelo seu sangue» (Efés. 1:7).
- «a paz pelo seu sangue» (Col. 1:20).
- «a santificação pelo seu sangue» (Heb. 13:12).

Outros textos neste sentido: Heb. 13:20; 1 Pedro 1:12; 1 João 5:8 Apoc. 1:5; etc.

3) Razões de ordem profilática

O uso do sangue como alimento não se faz sem correr certo perigo. O sangue quente tomado em abundância pode até determinar a morte. Na Antiguidade obrigava-se muitas vezes o condenado à morte a beber sangue ou veneno. Depois de coagulado ele pode ser ainda mais perigoso que anteriormente. Esta é a razão pela qual, qualquer porção de carne destinada ao consumo, deve ser tanto quanto possível limpa de todo o sangue que infiltra normalmente as fibras musculares.

IV) Conclusão

O povo de Deus nos últimos dias da história da terra, deve des-tacar-se, pela pureza dos seus princípios no mais elevado expoente.

Sabemos que um dos mais importantes princípios do nosso movimento é o da Reforma Alimentar; e estamos advertidos de que: «a carne nunca foi o melhor alimento; seu uso agora é, todavia duplamente objectável visto as moléstias nos animais estarem crescendo com rapidez. Os que comem alimentos carneos mal sabem o que estão ingerindo. Frequentemente, se pudessem ver os animais ainda vivos, e saber que espécie de carne estão comendo repeli-la-iam enojados».

(*Ciência do Bom Viver*)
p. 313-314 — E. White.

Diante destes ensinamentos vindos das Sagradas Escrituras e deste princípio estabelecido pelo E. de Profecia, como os podemos nós conceber e justificar com a saída voluntária para atirar à caça e depois dela nos servirmos como alimento?

Após termos considerado estes factos, não podemos deixar de aconselhar vivamente os nossos crentes a pôrem de parte a caça sob todos os aspectos, e isto em nome da Palavra de Deus e no dos princípios exaltados pelo Espírito de Profecia.

The S.D.A. Bible Commentary s/ os textos citados.

The S.D.A. Bible Dictionary.

Dictionnaire d'Archeologie Biblique de W. Corswant — Neuchâtel — 1956.

A Ciência do Bom Viver — E. White. Edição Brasileira de 1959.

L'Alimentation d'après la Bible L. A. Mathy — Paris — 1946.

«Deus não Deixa perder a sementeira»

(Continuação da pág. 9)

praram foi mais para ajudar a pessoa que os vendia, mas depois de os lerem acabaram por concluir que não foram elas que ajudaram quem lhos vendeu, mas sim a pessoa que lhos vendeu é que os ajudou a elas.

Pois não há obra mais elevada ao trabalho, possamos ir sempre

animados no Espírito do Senhor, e convictos do que os nossos livros são os melhores, e assim o Senhor nos ajudará a ganhar grandes vitórias, e que um dia no reino dos céus possamos ver os frutos do nosso trabalho.

Pois não há bora mais elevada do que a da colportagem evange-

lística, porque abrange o cumprimento dos mais elevados deveres morais.

Os que se empenham nesta obra precisam de estar sempre sob o domínio do Espírito Santo.

Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará com alegria, trazendo consigo os seus molhos.

Vosso irmão em Cristo Jesus

Inácio Duarte da Conceição

Ela não tinha desonrado o seu Salvador

Era ao cair da tarde. O Sol pintava no céu do Ocidente o quadro da beleza que só em África se pode contemplar. A Natureza comunicava aos homens a placidez característica dessa hora.

Pela avenida das palmeiras que dava acesso à Missão, caminhava um do membros da Igreja. Era uma senhora, em cuja vida se podiam ver diàriamente os frutos do Espírito e em cujos olhos brilhava a luz que irradiava de uma alma convertida.

Mas nesse dia a sua expressão era triste, e, depois de ter cumprimentado os missionários, disse ao médico:

— Senhor doutor não me sinto bem. Não sei se não terei alguma doença grave.

O médico fez-lhe uma ou duas perguntas, e em seguida disse-lhe:

— Tenho pena de lhe dizer, porque a estimamos como a uma filha: a irmã tem a doença do sono.

De todas as doenças que naquele tempo afligiam a África, era esta a que fazia mais vítimas. Devido a ela, aldeias populosas e florescentes eram rapidamente dizimadas.

Assim, quando esta senhora ouviu dos lábios do médico a confirmação dos seus pressentimentos, e se voltou para regressar a casa, abafou um soluço na garganta, pois sabia qual o destino que a esperava. Sabia que iria emagrecendo e se tornaria uma sombra do que era. Sabia que os bons desejos e impulsos que tinham sido implantados no seu coração pelo Evangelho do Filho de Deus se apagariam até que, em vez de andar asseadamente vestida, como agora, podia voltar à vergonhosa nudez de outrora. E sabia mais do que isso.

Sabia que um dia quando estivesse sentada, talvez falando com as suas amigas, a sua cabeça tombaria e ela ficaria a dormir — a dormir numa sonolência estúpida como a de uma pessoa embriagada. E, ainda mais do que isso, também sabia que à medida que a doença estendesse os seus estragos, passado algum tempo a sua razão se obscureceria, tornando-se uma estúpida

idiota ou uma perigosa maníaca, capaz de lançar fogo às casas das amigas ou até mesmo de lhes tirar a vida. Sabia que teria de arrastar assim uma existência miserável, até que tudo terminasse com a morte.

No dia seguinte, quando estava na sua casa, alguém a ouviu orar. E com que fervor orava ela! A sua voz angustiada devia atingir o próprio trono de Deus. Dizia ela:

— Ó meu Pai que estás nos Céus, disseste que eu tenho de morrer. Seja feita a tua vontade. Mas uma coisa Te peço: quando a minha razão se perder com esta doença, não consintas, ó não consintas que eu traga desonra ao nome de Teu Filho, amaldiçoando-O ou negando as Suas palavras!

E continuando a orar as frases seguiam-se uma após outra, exprimindo a sua agonia de alma e o único desejo que a absorvia de não trazer desonra ou vergonha para a causa d'Aquele que a tinha salvo com tão grande salvação.

Sucedeu precisamente o que tinha sido predito pelo médico e ela esperava. Dentro em pouco tempo aparecia ela diàriamente no terreno da Missão. Já não era a senhora modesta e asseada de outrora. Passava longas horas de sono ao sol, esfarrapada e suja. Nos seus delírios falava, ora de coisas maravilhosas, ora de coisas terríveis.

Finalmente, numa manhã, avisaram o director da Missão de que, se queria ver aquela senhora com vida, fosse imediatamente, porque estava agonizante.

Tendo logo partido, encontrou-a com a cabeça reclinada sobre os joelhos do esposo. Falou a este e aos circunstantes acerca da fé e da paciência daquela irmã, e de tudo o que a dura vida tinha significado para a igreja.

Nesse momento sucedeu algo que fez brilhar o sorriso no meio das lágrimas dos presentes. O seu amoroso Pai do Céu restituiu-lhe a razão, tão lúcida como outrora. Olhando para o rosto do marido, perguntou:

— Tenho estado doida, não é assim?

— Sim, respondeu ele. Tens estado doida há muito tempo.

Então ela perguntou e quem pode imaginar com que ansiedade fez essa pergunta —:

— Enquanto estive doida amaldiçoei o meu Salvador? Cheguei a negá-lo?

— Não — foi a resposta do marido, tu nunca O amaldiçoaste nem nunca O negaste.

Deus tinha respondido à sua oração. Então com o rosto brilhante de plácida serenidade, disse:

— Estou satisfeita; posso agora descansar.

Na manhã da ressurreição, quando melodiosas lhe soarão as boas vindas d'Aquele a quem ela teve o privilégio de sempre honrar na sua vida de crente! — (Do *Boletim Adventista*, de Angola, de Fevereiro de 1963).



(Continuação da pág. 2)

Bem sabemos que Satanás redobra de actividade e de esforços para atravancar e dificultar a Obra de Deus.

Não podemos, por isso, quedarmo-nos indiferentes, ociosos, ou menos diligentes.

É a hora de espalhar, às mãos cheias, as nossas Revistas, os nossos folhetos, as nossas publicações, aqui falando, ali, deixando literatura, acolá doutrinando e, por toda a parte, deixando transparecer o sentimento profundo e vivido da «bem-aventurada esperança» que habita em nós.

As perspectivas deste novo ano são boas, com a graça de Deus.

Possa o Senhor conceder-nos a graça de chamarmos muitas almas para a luz bendita da Salvação e apressarmos a Vinda gloriosa do Salvador.

A. CASACA

H I P N O T I S M O

(Continuação da pág. 6)

Hoje, o povo de Deus é constituído por uma mescla de gente oriunda de diferentes camadas sociais e que teve crenças diversas e muitas crendices. Uns vieram do catolicismo, outros de denominações evangélicas, e muitos do espiritismo e de crenças correlativas. Em tais circunstâncias é lógico que tivessem lidado com invocações aos mortos, com feitiços e feitiçeiros, com «benzeduras» com orações miraculosas, com amuletos; talvez alguns deles tenham sido mágicos amadores ou profissionais; quem sabe se há algum que tenha lidado com o copo encantado! A estes, de modo especial, serve a advertência de Deuteronomio acima citada. Nem por brincadeira ou a título de curiosidade devem tentar uma «olhadela» ao passado, especialmente aqueles que tiveram habilidades mágicas. Estes, a título de divertir os jovens em reuniões sociais voltam ao exercício da arte mágica. Mesmo que se trate de um detalhe de aparência inocente, decalcado num truque, é sempre uma aventura nos arraiais do maligno. Estas coisas não edificam, nem aumentam a espiritualidade de quem a exerce, nem a dos espectadores.

O maligno cobra caro a introdução em detalhes que pertencem

a ele e não a Deus. E o hipnotismo está entre as coisas de aparência inocente, divertida. Não é bom provocar reacção às forças do mal, nem tão pouco reviver dotes do passado ou predisposições adormecidas, minando os fundamentos da fé e preparando o caminho de retorno ao mundo do pecado, à apostasia. «A ti o Senhor teu Deus não permitiu tal coisa».

O espírito de vigilância deve ser uma constante na vida do fiel crente adventista do Sétimo Dia, o qual, a exemplo de S. Paulo, deve considerar a vida passada «como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus», perda esta que ele considerava «como refugio para ganhar a Cristo». (Fil. 3:8).

A Igreja de Laodiceia

à luz do Espírito de Profecia

(Continuação da pág. 7)

Deus não nos manda sair da igreja Laodiceia que é a Sua última igreja sobre a Terra, e não haverá outra, mas sim que acatemos as Suas solenes instruções e avisos para não sermos dela vomitados. Portanto, todos aqueles que de *moto próprio*, se separem de Laodiceia — ainda que citando os Testemunhos de Ellen White, mas aplicando-os erradamente — separaram-se na realidade da Igreja de Cristo, e serão enumerados com os que, por não terem vencido as grandes provas que hão-de de vir sobre a igreja, serão também *vomi-*

tados ou separados. Que os pretensos reformadores procurem, pois, ler com atenção e humildade a mensagem categórica que Deus lhes dirige e que se encontra em Testemunhos Selectos (v. 2, p. 355), e «não persistam no seu próprio caminho, até que se tornem o que o diabo quer que eles sejam — *inabaláveis na sua decisão* —.» *Testo Ministers and Workers*, p. 56.

E assim um dia venham a reconhecer demasiado tarde o seu engano, o que Deus não quer mas sim o diabo.

A. F. Raposo